

Maria Teresa Santa Clara Gomes



Tanto nesta série de discussões - o Universitário e a Cultura - como na que se lhe segue - o Universitário e a Vida de Fé - se debatem problemas vitais para todos os cristãos. Por isso que a conferências e palestras se tenha preferido um método de estudo em que todos possamos participar mais plenamente.

Dividir-nos-emos em grupos, e trocaremos experiências, analisando com intensidade questões que a nossa natureza de católicos naturalmente levanta: quais as características do meio em que somos chamados a dar testemunho; que espécie de testemunho nos é por ele pedido; que cunho daremos à nossa vida e à do nosso organismo, para o conseguir.

Em primeiro lugar O UNIVERSITÁRIO E A CULTURA:

I - ANÁLISE DA SITUAÇÃO ACTUAL

(Esta análise é importante para sabermos que acção se torna necessária e em que aspectos nos deveremos modificar, como universitários que também somos.)

Muitas vezes temos já comentado a falta de sentido cultural que se nota nas Universidades portuguesas, quer no que respeita a atitudes perante o saber, quer à extensão dos conhecimentos possuídos, sua profundidade e orientação.

Em concreto quais as críticas que neste aspecto são de fazer? Temos razão para assim pensar? (Atentar nos centros de interesse do universitário médio; preconceitos; actividades que frequenta, etc.)

Fundação Cuidar o Futuro

A análise, que acabamos de fazer não é inteiramente aplicável aos caloiros, pelo menos nos seus primeiros meses de Universidade. Em que difere o caloiro do Veterano? Como se processará essa modificação?

Que influência pensa que a família e as escolas e liceus têm na formação mental com que os caloiros normalmente entram para a Faculdade? E os camaradas, os exemplos das pessoas mais velhas, a mentalidade corrente na sociedade (através dos jornais, espectáculos...)?

A haver uma mudança na mentalidade dos estudantes universitários, com o decorrer dos anos, em que medida os alunos mais adiantados serão responsáveis pela nova estrutura intelectual adquirida pelos mais novos? (atitudes; conselhos dados; ambiente que criam em torno de si...)

E as várias iniciativas das associações académicas em que sentido actuarão?

Não se pode reduzir a Universidade a simples convivência de colegas com influência recíproca; os professores e os planos de estudo constituem factor decisivo. Factor benéfico ou prejudicial? Porque; e em que aspectos? (hábitos de trabalho sério, profundidade de pensamento, rotina, fraudes...)



O universitário não vive fechado na universidade, nem é apenas por esta influenciado; é pelo contrário tocado por outros meios. Como o marcarão por exemplo os divertimentos que normalmente procura; as iniciativas culturais que frequenta, as leituras, etc...?

Em que aspectos e de que forma a influência familiar e do seu meio social continua a exercer-se sobre o universitário? E o ambiente das repúblicas, lares e quartos alugados?

II - O JUCISTA NA UNIVERSIDADE

(O esquema que se segue, é forçosamente provisório, pois depende das respostas da I Parte. Servirá de base à formação definitiva, introduzindo-se-lhe as alterações necessárias)

Só personalidades adultas (sentido plenamente vivido da sua vocação, consciencia das suas limitações e assimilação profunda desses dados na sua conduta; sentido das responsabilidades; persistencia...) exercerão influência marcante nas pessoas que as rodeiam. Em que medida os jucistas serão de facto bem formados? O que temos feito neste sentido?

Na nossa sociedade, designadamente na universidade, as virtudes tipicamente cristãs não gosam o prestígio reconhecido a outras qualidades de maior relevo externo. À humildade, resignação, castidade, preferem-se o desassombro, a coragem, a lealdade... Em relação a estes aspectos que não evidentemente maus, qual o desenvolvimento dos jucistas? O que temos feito neste sentido?

Em relação à doutrina cristã existem actualmente vários preconceitos. É considerada como coisa ultrapassado, intelectualmente insustentável, contrária à ciência... etc, etc.. Será respeitada, pois, principalmente devido ao prestígio dos seus seguidores. Que importância lhe parece ter o prestígio intelectual dos jucistas à luz desta perspectiva? E a extensão e equilíbrio dos respectivos conhecimentos.

Existe na maioria dos nossos colegas um interesse pela novidade, uma tendência para discutir os assuntos novos e uma atenção espontânea em relação ao sensacional. Que importância terá, a actualidade dos jucistas (em relação aos problemas internacionais, universitários, científicos, culturais...)? O que temos feito neste sentido?

Um aspecto positivo da mentalidade universitária de hoje é a preocupação pelo social e a antipatia pelo espírito reac^{instala}cionário. Estará o jucista suficientemente desemburguesado e terá ideias bem assentes, para "marcar" neste campo? O que temos feito neste sentido? ^{da.}



III - CULTURA E APOSTOLATO

A - Na Universidade

A nossa acção pessoal depende fundamentalmente de 2 aspectos: a formação completa - que acabamos de tentar analisar - e a irradiação que soubermos conseguir dos princípios que nos informem intimamente. Que se poderá fazer para melhorar este valor de testemunho em relação ao que actualmente estamos conseguindo?

Para um apostolado "no meio" é essencial que pertençamos de facto ao meio, isto é, que estejamos presentes nas várias actividades em que os nossos colegas participam normalmente. Será isso possível? que atitude devemos tomar no caso de não concordar com algumas iniciativas?

Não pertencendo a maioria dos universitários à J.U.C. esta corre o risco de ser considerada como grupo à parte. Que se poderá fazer para atenuar as características de grupo fechado.

Em face das deficiências atrás apontadas ao ambiente universitário que poderá a J.U.C. fazer em relação aos caloiros, tentando contrabalançar as influências que os colegas mais velhos e a Faculdade sobre eles exercerão?

Será esta situação realista? Sem uma Universidade Católica em que se possa pensar que se conseguirá uma formação integral?

Como poderemos corrigir, ao menos em parte, os efeitos de educação familiar e liceal viciadas? E os das leituras, espectáculos... etc.?

B - Na Sociedade

O contacto dos estudantes com meios extra-universitários por um lado fornece-lhes uma ligação fecunda com a realidade, muitíssimo formativa, e por outro permite que esses meios recebam da Universidade contributo valioso. Existirá entre nós o necessário sentido das responsabilidades, presentes e futuras, em relação à Sociedade?

Nas classes em que normalmente vivemos - de bem estar económico, comodidades fáceis e ausência de sentido social - qual deverá ser a nossa atitude? Que elementos de progresso lhes poderemos levar?

Por outro lado que poderemos aprender nas camadas populares? que lhes poderemos levar, com real valor, da universidade em que participamos?

A nossa posição em relação à Sociedade só adquire todo o significado, após o curso, com o exercício profissional e de serviços de direcção e administração. Em que aspectos nos deveremos preparar para a missão que desempenharemos? Que mentalidade devemos despertar em nós e nos nossos colegas? Até que ponto será útil o conhecimento das realidades que se hão-de preparar?



Fundação Cuidar o Futuro